



CARTOGRAFIAS DO AFETO NA FRONTEIRA: A POÉTICA DA PAISAGEM E OS ESPAÇOS DE LAZER COMO LUGARES DE IDENTIDADE EM GUAJARÁ-MIRIM/RO

CARTOGRAPHIES OF AFFECTION AT THE BORDER: THE POETICS OF LANDSCAPE AND LEISURE SPACES AS PLACES OF IDENTITY IN GUAJARÁ- MIRIM/RO

Sandra de Aguiar Barbalho¹

Prof. Dr. Gustavo Henrique de Abreu Silva²

RESUMO

Este artigo propõe uma leitura simbólica e formativa dos espaços naturais de lazer em Guajará- Mirim/RO, região fronteira entre Brasil e Bolívia, a partir da Geografia Cultural, da Educação do Território e da abordagem fenomenológica da percepção. O problema central que orienta o estudo é: *como o lazer em paisagens amazônicas fronteiriças funciona enquanto prática formativa e dispositivo de resistência simbólica?* O objetivo geral é compreender como os gestos, permanências, contemplações e práticas comunitárias vividas nos espaços naturais de Guajará-Mirim contribuem para a produção de saberes territoriais e para a valorização da educação fora dos ambientes escolares convencionais. Os autores mobilizados: Yi-Fu Tuan, Edward Relph, Merleau-Ponty e Verdum et al., oferecem base para articular conceitos como topofilia, corporeidade, autenticidade e paisagem como texto cultural. A metodologia é qualitativa, com registro em diário de campo e observação sensível dos balneários e mirantes da cidade, por meio de entrevistas informais. Os resultados indicam que esses espaços não funcionam apenas como áreas de recreação, mas como lugares vividos, onde o corpo, o silêncio, o encontro e a paisagem produzem sentidos formativos. A pesquisa reafirma que o território educa pela poética dos gestos e das permanências, e que a cartografia afetiva revela dimensões invisibilizadas da formação cultural amazônica e comunitária.

Palavras-chave: Cartografia afetiva; Geografia cultural; Lugar vivido; Lazer comunitário; Pedagogia territorial

¹ Universidade Federal de Rondônia-UNIR – Email: sandramestradogeounir@gmail.com

² Universidade Federal de Rondônia-UNIR – Email: gustavo.abreu@unir.br

CARTOGRAFIAS DO AFETO NA FRONTEIRA: A POÉTICA DA PAISAGEM E OS ESPAÇOS DE LAZER COMO LUGARES DE IDENTIDADE EM GUAJARÁ-MIRIM/RO

1. INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma leitura simbólica e educativa dos espaços naturais de lazer em Guajará-Mirim/RO, município amazônico localizado na fronteira entre Brasil e Bolívia. Trata-se de um território marcado por múltiplas interações culturais, atravessado por fluxos linguísticos, afetivos, sociais e ambientais que conformam paisagens singulares e vividas. A investigação parte do reconhecimento de que os espaços públicos de lazer, em especial balneários e mirantes, não são apenas áreas de recreação e descanso, mas territórios de significação cotidiana, nos quais se produzem vínculos, saberes e formas de resistência cultural.

É nesses cenários que gestos ordinários revelam potências educativas e que a paisagem assume papel formador, poético e identitário.

É nesses cenários que gestos ordinários revelam potências educativas e que a paisagem assume papel formador, poético e identitário.

Guajará-Mirim, como cidade fronteira amazônica, carrega em sua composição territorial uma diversidade de experiências que desafiam as lógicas convencionais da educação escolar. Os espaços naturais ali presentes, vivenciados por comunidades ribeirinhas, indígenas, bolivianas e urbanas, constituem lugares nos quais a aprendizagem acontece também de forma não formal, ativada pela escuta, pela permanência, pelo corpo e pela memória. Nesse sentido, este estudo parte do pressuposto de que tais ambientes funcionam como territórios pedagógicos sensíveis, capazes de articular estéticas da paisagem com práticas educativas enraizadas no cotidiano vivido.

O problema central que orienta o estudo é: como o lazer em paisagens amazônicas fronteiriças funciona como prática formativa e dispositivo de resistência simbólica? No entanto, importa destacar que a resistência simbólica é um conceito que descreve formas de oposição ou contestação indireta a sistemas de dominação que operam por meio de símbolos, discursos e representações culturais. Por tanto, a pergunta emerge da observação de que há cada vez mais um deslocamento entre a pedagogia institucionalizada e os processos de formação que ocorrem em ambientes

CARTOGRAFIAS DO AFETO NA FRONTEIRA: A POÉTICA DA PAISAGEM E OS ESPAÇOS DE LAZER COMO LUGARES DE IDENTIDADE EM GUAJARÁ-MIRIM/RO

informais, especialmente em regiões onde o território atua como protagonista. A investigação busca responder a essa questão por meio de uma abordagem sensível e interpretativa, que privilegia os significados atribuídos aos espaços naturais e às interações humanas que os habitam.

O objetivo principal é compreender como os gestos, permanências, contemplações e práticas comunitárias vividas nos espaços naturais de Guajará-Mirim contribuem para a produção de saberes territoriais e para a valorização da educação fora dos ambientes escolares convencionais. Trata-se de uma perspectiva que se insere no campo da Geografia Humanista e da Educação do Território, articulando as dimensões simbólicas, afetivas e estéticas da paisagem com as cartografias emocionais e formativas do cotidiano. A paisagem aqui não é tratada como cenário neutro ou decorativo. Ao contrário, ela é entendida como texto cultural e currículo poético, capaz de comunicar sentidos, ativar memórias e formar subjetividades.

Conforme propõe Beringuier (*Apud* VERDUM et al., 2012, p. 121), “a paisagem é, por conseguinte, objeto, concreto, material, físico e efetivo e é percebida através dos seus elementos, pelo nossos cinco sentidos, é sentida pelos homens afetivamente e culturalmente”.

Os balneários e mirantes naturais analisados, como o Balneário do Célio, o Mirante da Serra e o Mirante Mamoré, entre outros, são lugares carregados de significados, apropriados cotidianamente pela população local, que imprime neles marcas, histórias e afetos. O lazer nesses espaços ultrapassa a função de entretenimento: torna-se ritual pedagógico, forma de resistência identitária e expressão da relação com o território.

A escolha por investigar os espaços naturais de lazer nasce da observação empírica e experiencial desses lugares como fontes de pertencimento. São áreas em que o corpo aprende a partir do toque da água, do contato com a vegetação, do silêncio compartilhado e da escuta do mundo. A formação acontece na permanência, na repetição dos gestos, na comunhão entre gerações. Crianças brincam, idosos contemplam, jovens convivem e a paisagem, silenciosa, educa. Essa dimensão formadora escapa à lógica curricular formal e exige outras lentes de interpretação: uma cartografia afetiva que revele os territórios como espaços de ensino, experiência e

CARTOGRAFIAS DO AFETO NA FRONTEIRA: A POÉTICA DA PAISAGEM E OS ESPAÇOS DE LAZER COMO LUGARES DE IDENTIDADE EM GUAJARÁ-MIRIM/RO

simbolismo.

A cartografia afetiva, de acordo com Paz e Bueno (*Apud* BASTOS, 2023, p. 509) “se apresenta como método de abordagem para estudos da subjetividade”. Portanto, configura-se como uma metodologia voltada à investigação da subjetividade dos sujeitos envolvidos. Por conseguinte, A abordagem da cartografia afetiva foi inicialmente construída a partir das reflexões sobre o conceito de paisagem. Para Meinig (*Apud* BASTOS, 2023, p. 509-510) “a paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente dos nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes”. A cartografia afetiva, de acordo com Paz e Bueno (*Apud* BASTOS, 2023, p. 509) “se apresenta como método de abordagem para estudos da subjetividade”. Portanto, configura-se como uma metodologia voltada à investigação da subjetividade dos sujeitos envolvidos.

Por conseguinte, A abordagem da cartografia afetiva foi inicialmente construída a partir das reflexões sobre o conceito de paisagem. Para Meinig (*Apud* BASTOS, 2023, p. 509- 510) “a paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente dos nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes”. Em continuidade à discussão sobre os mapas convencionais empregados na Cartografia Escolar, Oliveira Jr (*Apud* BASTOS, 2023, p.510),

Pontua o mapa (em uma versão oficial – do Estado, da cartografia formal ocidental) tornou-se um clichê, algo que aparece diante de nós toda vez que pensamos em espaço, em geografia [...] eles não são apenas modos de ver, são eles que são vistos como sendo o espaço e finalmente (ao final da geografia escolar) vemos apenas eles como sendo o espaço. Oliveira Jr (*Apud* BASTOS, 2023, p.510),

O mapa, em sua versão oficial, formulado pelo Estado segundo os princípios da cartografia tradicional ocidental, consolidou-se como referência visual imediata toda vez que se pensa em espaço ou em geografia. De ferramenta de leitura, ele passou a ser confundido com o próprio território, sendo tomado como única representação legítima do espaço, sobretudo ao final do processo escolar. Para Bastos (2023, p.511), o afeto, etimologicamente, vem do latim *affectus*, de acordo com o dicionário Michaelis, e significa: “Expressão de sentimento ou emoção como, por exemplo, amizade, amor, ódio, paixão etc...”.

CARTOGRAFIAS DO AFETO NA FRONTEIRA: A POÉTICA DA PAISAGEM E OS ESPAÇOS DE LAZER COMO LUGARES DE IDENTIDADE EM GUAJARÁ-MIRIM/RO

Inserido nesse contexto, o artigo contribui para ampliar os debates sobre educação territorial, pedagogia do cotidiano e poética da paisagem, reivindicando uma concepção de ensino que valoriza os saberes locais, as práticas espontâneas e os vínculos gerados pelo habitar. A fronteira, nesse caso, não é apenas um limite geopolítico, é também um espaço de encontro, de cruzamento cultural, de formação identitária e de produção de afetos. Os lugares investigados revelam que a educação amazônica pulsa fora dos muros da escola, nos gestos, na presença, no vínculo com o chão.

O estudo adota uma abordagem qualitativa e fenomenológica, centrada na observação sensível do território e nos registros em diário de campo. Não há entrevistas formais ou aplicação de instrumentos rígidos: a proposta é mergulhar nos lugares com escuta aberta, percebendo as nuances e sutilezas que fazem deles espaços formadores. Ao escolher esse método, a pesquisa reafirma sua vinculação à geografia poética e à pedagogia do lugar, modos de conhecer que respeitam o sensível, o simbólico e o afetivo. Em síntese, este artigo visa contribuir para a valorização dos espaços naturais como lugares que educam, evidenciando que o lazer territorializado pode ser potente aliado na formação de sujeitos críticos, sensíveis e conectados com suas comunidades. Ao mapear essas cartografias do afeto, reconhece-se que a educação acontece também, e de forma profunda, nos territórios vividos, nos silêncios compartilhados e nas paisagens que abrigam histórias.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A presente investigação inscreve-se no campo da Geografia Cultural e Humanista, buscando compreender os espaços de lazer vividos em Guajará-Mirim/RO, como lugares educativos sensíveis. A geografia humanista valoriza a experiência subjetiva, emocional e simbólica dos sujeitos em relação aos territórios que habitam, recusando leituras tecnicistas ou meramente funcionais da paisagem. Nessa perspectiva, o espaço deixa de ser tratado como elemento neutro e passa a ser reconhecido como instância de formação e expressão identitária. Um dos principais

CARTOGRAFIAS DO AFETO NA FRONTEIRA: A POÉTICA DA PAISAGEM E OS ESPAÇOS DE LAZER COMO LUGARES DE IDENTIDADE EM GUAJARÁ-MIRIM/RO

fundamentos teóricos da pesquisa é o conceito de topofilia, desenvolvido por Yi-Fu Tuan (200, p. 17), que se refere ao vínculo afetivo entre pessoa e lugar. Segundo o autor, “topofilia [...] é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”. Para ele, o afeto territorial não é mero sentimentalismo, mas uma forma legítima de conhecimento que ativa memórias, valores e aprendizados. Os espaços naturais de lazer, quando vivenciados e ressignificados pelas práticas comunitárias, tornam-se expressões de topofilia, revelando pertencimento, cuidado e resistência simbólica.

Edward Relph (1976, p. 82), em *Place and Placelessness*, introduz o conceito de **autenticidade**, distinguindo lugares vividos de espaços genéricos e despersonalizados. Para Relph, “a autenticidade reside na profundidade da experiência com o lugar, e não simplesmente em sua aparência física (grifo nosso)”. Mirantes e balneários, nomeados e apropriados pela comunidade, exemplificam essa vivência autêntica, carregando sentidos históricos e afetivos que os tornam diferentes da paisagem abstrata e funcional. A abordagem fenomenológica proposta por Maurice Merleau-Ponty (2006, p. 195) também é fundamental para a leitura dos espaços. Para o autor, “é pelo corpo que percebemos o mundo; a corporeidade é a condição da experiência”. A corporeidade, nesse sentido, não é apenas presença física, mas mediação entre sujeito e território. Ao caminhar nos balneários, tocar a água ou permanecer em silêncio no mirante, o corpo aprende, reconhece, pertencer. São experiências formativas que desafiam a lógica escolar convencional.

Roberto Verdum et al. (2012, p. 241), no processo de aprendizagem, a leitura da paisagem “é um recurso para aprender a compreender a dinâmica da natureza, pois esta permite desenvolver várias capacidades, como a observação e representação das suas formas e de elementos constitutivos quando analisamos, e comparamos com outras paisagens”. Logo, a ideia de paisagem como texto cultural, propõe uma leitura poética do território. Ao ser interpretada como currículo poético, a paisagem revela sua capacidade de ensinar por meio do

ritmo, da beleza, do vínculo e do silêncio. É nesse cenário que o lazer comunitário se torna prática educativa, mesmo sem estrutura escolar formal. No campo da educação, Paulo Freire (2016, p. 42) fortalece essa visão ao afirmar que “a educação se dá no

CARTOGRAFIAS DO AFETO NA FRONTEIRA: A POÉTICA DA PAISAGEM E OS ESPAÇOS DE LAZER COMO LUGARES DE IDENTIDADE EM GUAJARÁ-MIRIM/RO

diálogo com o mundo vivido pelos educandos [...] seus saberes e sua territorialidade são ponto de partida”. Para ele, o respeito à cultura local e à experiência dos sujeitos é condição da educação libertadora. Assim, balneários e mirantes se apresentam como ambientes de aprendizagem legítimos, nos quais o saber emerge do cotidiano, da escuta e da convivência comunitária.

Além disso, a noção de fronteira como espaço formativo é central na pesquisa. Guajará-Mirim, situada entre países e culturas, configura um território de atravessamentos, mestiçagens e ressignificações constantes. A fronteira, nesse contexto, é interpretada como “espaço de encontro e formação, e não apenas como limite geopolítico” (SANTOS, 2004, p. 112). Ao ativar interações culturais e práticas educativas espontâneas, os espaços naturais de Guajará-Mirim funcionam como dispositivos identitários que resistem à homogeneização das lógicas urbanas convencionais. Dessa forma, a fundamentação teórica articula os conceitos de topofilia, lugar vivido, corporeidade, paisagem poética e pedagogia territorial, oferecendo subsídios sólidos para interpretar os balneários e mirantes não como meros espaços recreativos, mas como territórios formadores e educativos, nos quais o afeto e a paisagem se entrelaçam na construção da identidade amazônica.

3. METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, sensível e não invasiva, fundamentada na fenomenologia da percepção, conforme delineada por Maurice Merleau-Ponty (2006, p. 74). Para o autor, “perceber é aderir ao que se mostra, sem reduzir o fenômeno ao objeto”, o que implica reconhecer os espaços naturais não apenas como lugares físicos, mas como territórios vividos, experienciados e repletos de significados. Esse enfoque permite compreender os ambientes de lazer como instâncias formadoras e poéticas, atravessadas por afetos, memórias e práticas cotidianas que escapam às categorias tradicionais de análise pedagógica. Inspirada também na cartografia afetiva, enquanto dispositivo metodológico, a investigação buscou mapear experiências sensíveis nos espaços naturais de Guajará-Mirim/RO, cidade fronteira localizada ao oeste de Rondônia. A cartografia afetiva, não pretende

CARTOGRAFIAS DO AFETO NA FRONTEIRA: A POÉTICA DA PAISAGEM E OS ESPAÇOS DE LAZER COMO LUGARES DE IDENTIDADE EM GUAJARÁ-MIRIM/RO

representar, mas expressar aquilo que pulsa no território, o que escapa aos mapas oficiais. Segundo Rolnik (2006, p. 15), “Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos, sua perda de sentido, e a formação de outros: mundo que se criam para expressar afetos contemporâneos”.

Nesse sentido, o trabalho privilegiou o olhar atento, a escuta comprometida e o registro interpretativo de vivências, gestos e permanências. Foram escolhidos dois ambientes de estudo, com base em critérios de representatividade simbólica e apropriação comunitária: **Balneário do Célio** e o **Mirante da Serra**. Esses locais são amplamente frequentados por moradores da cidade e por visitantes da região fronteira, sendo reconhecidos como espaços de convivência pública, contemplação paisagística e práticas informais de lazer. A escolha por locais nomeados pelos próprios sujeitos reforça a ideia de território vivido, conforme Relph (1976) ao afirmar que os lugares são importantes fontes de identidade individual e comunitária, ou melhor, “centros das nossas experiências imediatas com o mundo” (1976, p. 141). A definição dos lugares reside mais na experiência e intenções humanas do que na localização, paisagem e comunidade. A definição dos lugares está fundamentado sobretudo nas vivências e nos propósitos humanos, mais do que na localização, paisagem e comunidade. A coleta dos dados ocorreu no mês de junho de 2025, por meio de visitas, com o intuito de observar variações nas práticas e nas dinâmicas sociais. Optou-se por realizar anotações em diário de campo, registro fotográfico e tomada de notas reflexivas após cada vivência. A utilização de diário de campo permite que o pesquisador interprete o território com sensibilidade, atribuindo sentido às observações para além da descrição factual. O diário de campo é uma ferramenta de reflexão contínua, que possibilita articular impressões e significados emergentes da pesquisa. Segundo Frizzo (2008, p.169), “o termo “diário de campo” é usualmente utilizado para referir-se a uma técnica específica de registro de dados muito utilizado nas pesquisas qualitativas que utilizam principalmente a observação”.

Não foram realizadas entrevistas formais com os frequentadores dos espaços, por se tratar de uma metodologia que privilegia o caráter não intrusivo e sensível da observação. A escuta se deu pelo silêncio, pela observação dos gestos, pela atenção

CARTOGRAFIAS DO AFETO NA FRONTEIRA: A POÉTICA DA PAISAGEM E OS ESPAÇOS DE LAZER COMO LUGARES DE IDENTIDADE EM GUAJARÁ-MIRIM/RO

aos nomes atribuídos aos lugares e pelas marcas simbólicas impressas no território. Essa postura metodológica está em consonância com Tuan (2005, p. 100), que afirma: “aprender com o lugar exige tempo, presença e disposição para sentir o que está além das palavras”. As práticas observadas foram organizadas em categorias emergentes, identificadas durante a análise interpretativa dos registros. As principais categorias foram: corporeidade formativa, contemplação como aprendizado, nominatividade simbólica dos lugares, convivência intergeracional, e paisagem como dispositivo pedagógico. Cada uma dessas categorias foi descrita e interpretada com base na literatura e na vivência de campo, evitando generalizações e respeitando as especificidades de cada espaço.

Na observação dos balneários, por exemplo, identificou-se o banho como prática de escuta corporal, onde o contato com a água não é apenas recreativo, mas forma de reconexão com o território. Frequentadores permanecem longos períodos em silêncio, sentados à beira do rio, contemplando o fluxo das águas, gesto que se relaciona à ideia de currículo poético, deste modo, considerando que a paisagem educa por sua beleza, ritmo e permanência. Assim, de acordo com, Verdum et al. (2012, p. 29), “A morfologia deve ser complementada por uma semiologia, por uma poética e uma estética das paisagens, impondo uma reflexão teórica sobre a percepção do espaço e das formas”.

Nos mirantes, observou-se o uso estético da paisagem como ferramenta de formação. O Mirante da Serra, por exemplo, é conhecido localmente como lugar para contemplar o pôr do sol, prática que se repete entre os moradores, constituindo uma espécie de ritual pedagógico. Segundo Merleau-Ponty (2006, p. 210), “é no silêncio da contemplação que o corpo adquire novos modos de se relacionar com o mundo”. Esse dado corrobora a ideia de que a presença no território é em si prática educativa, mesmo que não institucionalizada.

Os nomes atribuídos aos espaços naturais revelam marcas de pertencimento e formas de valorização territorial. O **Balneário do Célio**, por exemplo, leva o nome de seu proprietário, o que demonstra não apenas identificação individual, mas também a maneira como a comunidade reconhece e associa pessoas ao território compartilhado. Esse gesto de nomeação constitui uma prática simbólica que contribui para a

CARTOGRAFIAS DO AFETO NA FRONTEIRA: A POÉTICA DA PAISAGEM E OS ESPAÇOS DE LAZER COMO LUGARES DE IDENTIDADE EM GUAJARÁ-MIRIM/RO

construção de vínculos afetivos e referenciais coletivos. Segundo Relph (1976, p. 65; tradução nossa), “*nomear um lugar é um dos gestos mais profundos de apropriação espacial*”, o que reforça a ideia de que os nomes funcionam como inscrições de memória e autenticidade na paisagem vivida. Esses nomes estão presentes na memória coletiva, funcionando como indicadores de afeto, história e reconhecimento. A análise dos dados ocorreu de forma interpretativa, com cruzamento entre os registros de campo e os referenciais teóricos selecionados. Não houve uso de software ou codificação estatística, pois o foco esteve na compreensão simbólica das práticas observadas. Conforme Minayo (2012, p. 95), “a análise qualitativa exige envolvimento do pesquisador com o contexto estudado, ativando leituras sensíveis que ultrapassem a técnica”.

Dessa forma, a metodologia adotada neste artigo respeita as especificidades do território amazônico fronteiriço, buscando compreender os espaços naturais como lugares que educam, que acolhem e que formam subjetividades. Ao escolher a cartografia afetiva como inspiração metodológica, reafirma-se o compromisso com uma leitura poética, sensível e ético- estética da paisagem, que valoriza o cotidiano como expressão legítima de saber.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A observação sistemática dos espaços naturais de lazer em Guajará-Mirim/RO, revelou que balneários e mirantes, especialmente o Balneário do Célio, e o Mirante da Serra, funcionam como territórios identitários e formativos, apropriados cotidianamente pela comunidade como locais de convivência, contemplação e memória. Tais ambientes apresentam forte presença simbólica e atuam como dispositivos pedagógicos informais, nos quais práticas espontâneas ativam experiências estéticas, vínculos afetivos e saberes territoriais.

Os registros em diário de campo, produzidos em junho de 2025, revelaram uma série de vivências que se repetem e se ressignificam diariamente. Crianças brincando nas águas rasas do rio, idosos sentados sob árvores dialogando com a paisagem, jovens contemplando o pôr do sol em silêncio, esses gestos, embora aparentemente ordinários, expressam modos de relação com o território que educam, fortalecem laços

CARTOGRAFIAS DO AFETO NA FRONTEIRA: A POÉTICA DA PAISAGEM E OS ESPAÇOS DE LAZER COMO LUGARES DE IDENTIDADE EM GUAJARÁ-MIRIM/RO

e constroem identidades. Conforme Merleau- Ponty (2006, p.210), “é na experiência sensível que o corpo reconhece o mundo e produz sentido”. Logo, a presença física no espaço torna-se forma legítima de aprender. Entre os achados mais significativos, identificaram-se cinco grandes eixos interpretativos:

Quadro 1 – Eixos Interpretativo dos Espaços Naturais de Lazer em Guajará-Mirim/RO

EIXO INTERPRETATIVO	DESCRIÇÃO DA CATEGORIA	REFERÊNCIA TEÓRICA
1. Lazer como prática educativa	A percepção é uma atividade, um estender para o mundo, observando o jogo, em particular das crianças, elas aprendem sobre o mundo desenvolvem a coordenação do corpo e aprendem a realidade dos objetos e a estruturação do espaço.	Tuan (2005, p. 26)
2. Gestos pedagógicos espontâneos	Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.	Freire (2016, p. 80)
3. Corporeidade como forma de aprender	O corpo não é um objeto, ele é nosso meio de comunicação com o mundo (aprende ao habitar o território, no contato com a água, na caminhada e na escuta da paisagem).	Merleau-Ponty (2006, p. 235)
4. Nominatividade simbólica dos espaços	Os nomes atribuídos pela comunidade aos ambientes revelam identidade territorial, memória e apropriação simbólica.	Relph (1976, p. 65; tradução nossa)
5. Paisagem como currículo poético	A paisagem aqui é concebida como um mosaico, com formas e cores muitas vezes de uma combinação singular e que nos marca ou nos remete a sensações que se situam em tempos diversos.	Verdum et al. (2012, p. 9)

O espaço da paisagem também se revelou como lugar de resistência cultural. Diante da crescente urbanização e da mercantilização dos ambientes de lazer, os balneários e mirantes são preservados pela comunidade como espaços gratuitos, públicos e acessíveis, nos quais o lazer não depende de consumo. Esse cuidado coletivo com o território indica práticas de resistência e de afirmação da identidade amazônica. Santos (2004, p. 112) afirma que “o território não é apenas chão, mas

CARTOGRAFIAS DO AFETO NA FRONTEIRA: A POÉTICA DA PAISAGEM E OS ESPAÇOS DE LAZER COMO LUGARES DE IDENTIDADE EM GUAJARÁ-MIRIM/RO

abrigo da existência e expressão da cultura”. Nesse contexto, os ambientes analisados funcionam como guardiões da memória e como cenários pedagógicos que desafiam as lógicas dominantes da cidade contemporânea. A discussão dos resultados confirma que os espaços naturais de Guajará-Mirim operam como territórios educativos poéticos, nos quais o sujeito se forma pela paisagem, pelo afeto e pela presença. Os gestos observados revelam que o ensino pode se dar fora da escola, nos caminhos da vida, nos silêncios compartilhados e nas experiências sensíveis do território. Tais achados dialogam diretamente com a proposta teórica da pesquisa, reafirmando que o espaço vivido é instância legítima de formação.

Por fim, os dados sugerem que a cartografia do afeto construída neste trabalho contribui para reconhecer os ambientes naturais como lugares que educam, resistem e acolhem. São espaços onde a cultura amazônica se renova, onde a paisagem se transforma em texto formativo, e onde a educação pulsa no cotidiano, na escuta do rio, na sombra da árvore, no nome do lugar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada em espaços naturais de lazer no município de Guajará-Mirim/RO, permitiu reconhecer que balneários e mirantes funcionam como territórios educativos poéticos e identitários, nos quais práticas cotidianas comunitárias ativam experiências formativas profundas, mesmo fora dos ambientes escolares convencionais. Os resultados obtidos por meio da cartografia afetiva indicam que o corpo, a paisagem, a memória e a vivência produzem saberes legítimos e enraizados nas relações entre sujeitos e território. A aproximação sensível aos balneários e mirantes, por meio da observação interpretativa, revelou que o lazer comunitário não se limita ao entretenimento, mas se manifesta como expressão de pertencimento, ritualidade e resistência simbólica. Banhos silenciosos, permanências contemplativas, escutas da paisagem e convivência intergeracional foram interpretadas como formas de ensino não institucionalizado, que ativam valores ético-estéticos e contribuem para a formação de subjetividades amazônicas. Conforme Freire (2016, p.47), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou construção”.

CARTOGRAFIAS DO AFETO NA FRONTEIRA: A POÉTICA DA PAISAGEM E OS ESPAÇOS DE LAZER COMO LUGARES DE IDENTIDADE EM GUAJARÁ-MIRIM/RO

Nesse sentido, os espaços naturais funcionam como cenários propícios à invenção de sentidos e à emergência de saberes vinculados ao lugar.

A vivência corporal nos territórios observados tornou-se central na compreensão da experiência pedagógica fora da escola. O repouso sob a vegetação e a escuta dos sons da paisagem são práticas que educam pela corporeidade, como destaca Merleau-Ponty (2006, p. 195), “o corpo é nossa forma de habitar o mundo [...] e de conhecer sem recorrer à abstração”. Ao reconhecer esses gestos como experiências formativas, a pesquisa reafirma que o saber também pulsa no silêncio, na contemplação e na presença física no território. A nomeação dos espaços, como Balneário do Célio, Mirante da Serra, Mirante do Nilton e o Mirante Mamoré”, revelam outros aspectos fundamentais para a construção de identidades territoriais. Tais nomes, atribuídos pela comunidade, são carregados de memória e afeto, funcionando como marcas de reconhecimento coletivo e valorização simbólica. Para Relph (1976, p. 65), “dar nome ao lugar é um dos gestos mais profundos de apropriação espacial”. Ao nomear, o sujeito inscreve história, sentimento e ancestralidade na paisagem, transformando o espaço físico em lugar vivido.

A paisagem, por sua vez, revelou-se como currículo poético, expressão cultural e recurso formativo. A observação dos movimentos da água, das montanhas no horizonte, da vegetação nativa e da luz que atravessa os mirantes durante o pôr do sol ativou sensibilidades que educam pelo encantamento, pelo vínculo e pela estética. De acordo com Verdum et al. (2012, p. 31), “Percebe-se que existem diferentes modos de ler o espaço a partir da paisagem”. Deste modo, a paisagem é uma ferramenta pedagógica importante, uma vez que estimula a observação crítica, conecta teoria e prática, desenvolve o pensamento geográfico, valoriza o saber local e promove interdisciplinaridade.

Assim, a paisagem amazônica, especialmente em contextos fronteiriços, torna-se fonte pedagógica e símbolo de resistência frente à homogeneização urbana. Outro resultado expressivo da pesquisa foi o reconhecimento dos espaços naturais como ambientes intergeracionais, nos quais diferentes faixas etárias compartilham práticas, saberes e afetos. Crianças brincando com idosos, jovens ajudando moradores mais velhos a atravessar trilhas, famílias reunidas em rituais de contemplação, esses

CARTOGRAFIAS DO AFETO NA FRONTEIRA: A POÉTICA DA PAISAGEM E OS ESPAÇOS DE LAZER COMO LUGARES DE IDENTIDADE EM GUAJARÁ-MIRIM/RO

encontros foram observados com frequência nos ambientes estudados. Tuan (2005, p. 113) destaca que “o lugar habitado por gerações torna-se fonte de continuidade e identidade”, revelando que a convivência territorial alimenta vínculos entre pessoas e entre tempos.

Além disso, os dados indicaram que os espaços naturais de lazer funcionam como ambientes de resistência cultural e proteção simbólica, especialmente frente aos processos de urbanização acelerada e desconfiguração da paisagem. As comunidades locais assumem papel ativo na preservação desses lugares, seja por meio da coleta voluntária de lixo, da manutenção de trilhas ou da realização de atividades coletivas. Como aponta Santos (2004, p. 112), “o território é também abrigo e expressão de cultura [...] onde o cotidiano se faz resistência”. O cuidado com os espaços evidencia sua importância não apenas ambiental, mas educativa e identitária. Essas constatações colocam em xeque a visão reducionista de que a educação acontece apenas na sala de aula ou nos ambientes escolarizados. Ao contrário, os achados reforçam que a formação do sujeito pode se dar no contato com a paisagem, nas interações comunitárias e nas experiências sensíveis do cotidiano. A educação territorial que emerge das práticas de lazer vivenciadas em Guajará-Mirim configura-se como pedagogia situada, ética e estética, profundamente vinculada ao chão amazônico.

Dessa forma, as cartografias do afeto reveladas neste estudo oferecem contribuição relevante para os campos da geografia humanista, da educação ambiental crítica e da pedagogia do cotidiano. Ao mapear os gestos silenciosos, os vínculos geracionais e os rituais espontâneos, reconhece-se que a paisagem forma, ensina e transforma. Como afirma Tuan (2005, p. 108), “aprender com o lugar é abrir-se à sua linguagem, à sua temporalidade e à sua presença”. O sujeito que habita com atenção aprende a partir do território, construindo saberes que não se encontram em manuais, mas no chão vivido. As considerações finais desta pesquisa também sinalizam caminhos para investigações futuras. Recomenda-se o aprofundamento sobre o papel das juventudes amazônicas na ressignificação dos espaços naturais, bem como a relação dos territórios indígenas com a educação territorial. Além disso, sugere-se o

CARTOGRAFIAS DO AFETO NA FRONTEIRA: A POÉTICA DA PAISAGEM E OS ESPAÇOS DE LAZER COMO LUGARES DE IDENTIDADE EM GUAJARÁ-MIRIM/RO

desenvolvimento de projetos interdisciplinares que integrem escola, comunidade e paisagem, promovendo ações educativas que respeitem a especificidade cultural de cada território.

Em termos práticos, os resultados indicam a necessidade de que as políticas públicas educacionais reconheçam os espaços naturais de lazer como ambientes formadores, potencializando ações de extensão universitária, educação ambiental crítica e práticas curriculares que valorizem o território como lugar de ensino. A incorporação da paisagem aos projetos pedagógicos pode gerar práticas mais contextualizadas, sensíveis e comprometidas com a realidade local. Por fim, reafirma-se que os balneários e mirantes em Guajará-Mirim são lugares que educam, mesmo sem paredes ou lousas. São cenários onde a pedagogia emerge da escuta da água, da permanência sob a sombra, da conversa entre gerações. A fronteira, nesse contexto, não separa, ela conecta saberes, culturas e afetos. A paisagem, em sua poética silenciosa, comunica, acolhe e transforma. Conclui-se, portanto, que o território amazônico fronteiriço é fonte legítima de formação, de resistência e de aprendizagem situada. Os gestos cotidianos ali vivenciados constituem um currículo invisível, mas profundamente presente, que educa pela sensibilidade, pelo afeto e pelo vínculo com o lugar. Que se reconheça, cada vez mais, que educar também é habitar, e que o chão amazônico pulsa como potência formadora.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Daniela Moreira. **Cartografia afetiva: mapeamento do caminho de casa para escola com alunos do EJA**. In: ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 8., 2023, Campinas. *Anais...* Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2023

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FRIZZO, Kátia Regina. **Diário de campo: reflexões epistemológicas e metodológicas**. In: Enrique Saforcada; Jorge Castellá Sarriera. (Org.). *Enfoques Conceptuales y Técnicos en Psicología Comunitaria*. 1aed. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2008.

CARTOGRAFIAS DO AFETO NA FRONTEIRA: A POÉTICA DA PAISAGEM E OS ESPAÇOS DE LAZER COMO LUGARES DE IDENTIDADE EM GUAJARÁ-MIRIM/RO

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. Londres: Pion Limited, 1976.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. In: ROLNIK, Suely. **Cartografias do desejo: clínica e cultura contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2006. p. 13–34.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2005.

VERDUM, ROBERTO [et al.]. **Paisagem: leituras, significados e transformação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.